

**Francisco Cândido Xavier**

# *E a Vida Continua...*

**13º livro da Coleção  
“A Vida no Mundo Espiritual”**

**Ditado pelo Espírito  
André Luiz**

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA  
DEPARTAMENTO EDITORIAL  
Rua Souza Valente, 17  
20941-040 - Rio - RJ - Brasil**

**<http://www.febnet.org.br/>**

**Coleção**  
**“A Vida no Mundo Espiritual”**

- 01 - Nosso Lar
- 02 - Os Mensageiros
- 03 - Missionários da Luz
- 04 - Obreiros da Vida Eterna
- 05 - No Mundo Maior
- 06 - Libertação
- 07 - Entre a Terra e o Céu
- 08 - Nos Domínios da Mediunidade
- 09 - Ação e Reação
- 10 - Evolução em Dois Mundos
- 11 - Mecanismos da Mediunidade
- 12 - Sexo e Destino
- 13 - E a Vida Continua...

## Índice

E a Vida Continua...	4
Homenagem .....	6
1 Encontro inesperado.....	7
2 Na porta da intimidade .....	12
3 Ajuste amigo .....	19
4 Renovação.....	24
5 Reencontro .....	32
6 Entendimento fraternal.....	40
7 Informações de Alzira .....	48
8 Encontro de cultura .....	54
9 Irmão Cláudio .....	61
10 Evelina Serpa .....	69
11 Ernesto Fantini .....	77
12 Julgamento e amor .....	84
13 Tarefas novas .....	93
14 Novos rumos .....	102
15 Momentos de análise.....	112
16 Trabalho renovador .....	120
17 Assuntos do coração.....	127
18 O retorno .....	135
19 Revisões da vida.....	146
20 Trama desvendada.....	155
21 Retorno ao passado.....	164
22 Bases de novo porvir.....	175
23 Ernesto em serviço .....	186
24 Evelina em ação .....	198
25 Nova diretriz .....	209
26 E a vida contínua.....	217

## E a Vida Continua...

Leitor amigo:

Nada te escrevemos, aqui, no intuito de apresentar ou recomendar André Luís, o amigo que se fez credor de nossa simpatia e reconhecimento pelas páginas consoladoras e construtivas que vem formulando do Mundo Espiritual para o Mundo Físico.

Entretanto, é razoável se te diga que neste volume, em matéria de vida “*post-mortem*”, ele expõe notícias diferentes daquelas que ele próprio colheu em “Nosso Lar”<sup>1</sup>, estância a que aportou depois da desencarnação.

Conquanto as personagens da história aqui relacionadas – todas elas figuras autênticas, cujos nomes foram naturalmente modificados para não ferir corações amigos na Terra – tenham tido, como já dissemos, experiências muito diversas daquelas que caracterizam as trilhas do próprio André Luiz, em seus primeiros tempos na Espiritualidade, é justo considerar que os graus de conhecimento e responsabilidade variam ao infinito.

Assim é que os planos de vivência para os habitantes do Além se personalizam de múltiplos modos, e a vida para cada um se especifica invariavelmente, segundo a condição mental em que se coloque.

Compreensível – que assim seja.

Quanto maior a cultura de um Espírito encarnado, mais dolorosos se lhe mostrarão os resultados da perda de tempo. Quanto mais rebelde a criatura perante a Verdade, mais aflitivas se lhe revelarão as conseqüências da própria teimosia.

---

<sup>1</sup> “Nosso Lar”, André Luiz. (Nota de Emmanuel)

Além disso, temos a observar que a sociedade, para lá da morte, carrega consigo os reflexos dos hábitos a que se afeiçoava no mundo.

Os desencarnados de uma cidade asiática não encontram, de imediato, os costumes e edificações de uma cidade ocidental e vice-versa.

Nenhuma construção digna se efetua sem a cooperação do serviço e do tempo, de vez que a precipitação ou a violência não constam dos Planos Divinos que supervisionam o Universo.

Para não nos alongarmos em apontamentos dispensáveis, reafirmamos tão-somente que, ainda aqui, encontraremos, depois da grande renovação, o retrato espiritual de nós mesmos com as situações que forjamos, a premiar-nos pelo bem que produzam ou a exigir-nos corrigenda pelo mal que estabeleçam...

Leiamos, assim, o novo livro de André Luiz, na certeza de que surpreenderemos em suas páginas muitos pedaços de nossa própria história, no tempo e no espaço, a solicitar-nos meditação e auto-exame, aprendendo que a vida continua, plena de esperança e trabalho, progresso e realização, em todos os distritos da Vida Cósmica, ajustada às leis de Deus.

EMMANUEL

Uberaba, 18 de abril de 1968.

## **Homenagem**

*Reverenciamos o Primeiro Centenário de  
“A Gênese”, de Allan Kardec.*

ANDRÉ LUIZ

Uberaba, 18 de abril de 1968.

# 1

## Encontro inesperado

O vento brincava com as folhas secas das árvores, quando Evelina Serpa, a senhora Serpa, decidiu sentar-se no banco que, ali mesmo, parecia convidá-la ao repouso.

Na praça ajardinada, o silêncio da tarde morna.

Raros turistas na estância mineira, naquela segunda quinzena de outubro. E, entre esses poucos, ali se achava ela, em companhia da governanta que ficara no hotel.

Afastara-se do bulício caseiro, sentindo fome de solidão.

Queria pensar. E, por isso, escondia-se sob a tolda verdejante, contemplando as pequenas filas de azáleas desabrochadas, que timbravam em anunciar o tempo de primavera.

Acomodada, rente à espessa ramaria, deu asas às próprias reflexões...

O médico amigo aconselhara-lhe revigoramento e descanso, ante a cirurgia que a esperava. E, sopesando as vantagens e os riscos da operação em perspectiva, deixava que as lembranças da curta existência lhe perpassassem o cérebro.

Casara-se, seis anos antes.

A princípio, tudo fora excursão em caravela dourada sobre correntes azuis. O esposo e a felicidade. No segundo ano, após o enlace, veio a gravidez, carinhosamente esperada; no entanto, com a gravidez, apareceu a doença. Descobriria-se-lhe o corpo deficitário. Revelaram-se os rins incapazes de qualquer sobrecarga e o coração figurara-se motor ameaçando falhar. Ginecologistas ouvidos opinaram pelo aborto terapêutico e, conquanto a

imensa mágoa do casal, o filhinho em formação foi arrancado ao claustro materno, à maneira de ave tenra, escorraçada do ninho.

Desde então, a viagem da vida se lhe transformara em vereda de lágrimas. Caio, o esposo, como que se metamorfoseara num simples amigo cortês, sem maior interesse afetivo. Passara facilmente para o domínio de outra mulher, uma jovem solteira, cuja inteligência e vivacidade podia aquilatar através dos bilhetes que o marido esquecia no bolso, portadores de frases ardentes e beijos pintados no papel com os próprios lábios úmidos de carmim.

O retiro e o desencanto que padecia em casa talvez fossem os fatores desencadeantes das crises terríveis de opressão que experimentava, periodicamente, na área cardíaca. Nessas ocasiões, sofria náuseas, dores cruciantes de cabeça com sensação de frio geral, que se faziam acompanhar por impressões de queimadura nas extremidades e aumento sensível da pressão arterial. No ápice da angústia, admitia-se prestes a morrer. Em seguida, as melhoras, para cair, dias depois, na mesma condição crílica, bastando, para isso, que os contratempos com o esposo se repetissem.

Arruinara-se-lhe a resistência, esvaíam-se-lhe as forças.

Por mais de dois anos, vagueara de consultório a consultório, sondando especialistas.

Finalmente, a sentença unânime. Tão-somente uma delicada operação cirúrgica viria recuperá-la.

No íntimo, algo lhe dizia ao campo intuitivo que o problema orgânico era grave, talvez lhe impusesse a morte.

Quem poderia saber? – indagava-se.

Ouvia os pardais chilreantes, cujas vozes lhe serviam por música de fundo à meditação, e passou, de repente, a calcular quanto ao proveito da própria existência, enumerando aspirações e fracassos.



Valeria furtar-se aos perigos da cirurgia, que sabia difícil, para continuar doente, ao lado de um homem que passara a desconsiderá-la no tálamo doméstico? e não seria razoável aceitar o socorro que a ciência médica lhe oferecia, a fim de recobrar a saúde e lutar por vida nova, caso o marido a abandonasse de todo? Contava apenas vinte e seis anos; não seria justo aguardar novos caminhos para a felicidade, nos campos do tempo? Embora sentisse profundas saudades do pai, que desencarnara ao tempo em que ela não passava de frágil criança, havia crescido, na condição de filha única, sob a dedicação de carinhosa mãe, que, por sua vez, lhe dera um padrasto atencioso e amigo; ambos, com o marido, lhe constituíam a família, o lar da retaguarda.

Naquela hora, mergulhada nas virações do entardecer, mentalizava os entes queridos, o esposo, a mãezinha e o padrasto distantes...

De súbito, lembrou o pai morto e o filhinho morto ao nascer. Era religiosa, católica praticante e mantinha, com respeito à vida além da morte, az idéias que lhe eram infundidas pela fé que abraçava.

“Onde estariam seu pai e seu filho?” – perguntava-se. Se visse a morrer com a moléstia de que se achava acometida, conseguiria, acaso, reencontrá-los? Onde? Não lhe era lícito pensar nisso, já que a idéia da morte lhe visitava insistentemente a cabeça?

Atirara-se, avidamente, ao monólogo íntimo, quando alguém lhe surgiu à frente, um cavalheiro maduro, cujo sorriso bonachão lhe infundiu, para logo, simpatia e curiosidade.

A senhora Serpa? – perguntou ele, em tom respeitoso.

E a um aceno confirmativo da interpelada, que não lhe escondia a surpresa, acrescentou:

– Perdoe-me a ousadia, mas soube que a senhora reside em São Paulo, onde moro também, e, através de circunstâncias muito inesperadas para mim, fui informado, por pessoa amiga, de que temos ambos um problema em comum.

– Estimo ouvi-lo – disse a jovem senhora, em lhe percebendo o constrangimento.

Ante a inflexão de bondade daquela voz, o homem apresentou-se:

– Nada receie, senhora Serpa. Sou Ernesto Fantini, um criado seu.

– Encantada em conhecê-lo – falou Evelina e, fitando aquela fisionomia enrugada, que a doença abatia, acrescentou –, sente-se e descanse. Estamos numa praça enorme e, ao que parece, somos agora os únicos interessados no refazimento que ela oferece.

Encorajado pela gentileza, acomodou-se Fantini em assento próximo e voltou a expressar-se, avivando o diálogo que a atração mútua passou a presidir.

– A dona do hotel, onde nos achamos, fez-se amiga da governanta que lhe acompanha a viagem e vim a saber, por ela, que a senhora enfrentará também uma cirurgia de caráter difícil...

– Também?

– Sim, porque estou nas mesmas condições.

– ?

– Tenho a pressão arterial destrambelhada, o corpo à matroca. Há quase três anos, ouço os especialistas. Ultimamente, as radiografias me acusam. Tenho um tumor na supra-renal. Pressinto seja coisa grave.

– Compreendo... – reticenciou Evelina, pálida –, conheço tudo isso... O senhor não precisa contar-me. De quando em quando, deve atravessar a crise. O peito a sufocar, o coração descompas-

sado, as dores no estômago e na cabeça, as veias a engrossarem no pescoço, as sensações de gelo e fogo ao mesmo tempo e a idéia da morte perto...

– Isso mesmo...

– Em seguida, as melhoras de algum tempo para depois começar tudo de novo, a qualquer aborrecimento.

– A senhora sabe.

– Infelizmente.

– O médico repetiu algumas vezes para mim o nome da moléstia de que sou portador. Gostaria de saber se a senhora já ouviu a mesma informação a seu respeito.

Fantini sacou do bolso minúscula caderneta e leu, em voz alta, a palavra exata que lhe definia o problema orgânico.

A senhora Serpa dissimulou a custo o desagrado que a enunciação daquele termo científico lhe causava, mas, dominando-se, confirmou:

– Sim, meu marido, em nome do nosso médico, deu-me a saber este mesmo diagnóstico, em se referindo ao meu caso.

O recém-chegado percebeu o aborrecimento da interlocutora e ensaiou bom-humor:

– Deixe estar, senhora Serpa, que temos uma doença de nome raro e bonito...

– O que não impede tenhamos crises freqüentes e feias – replicou ela, com graça.

Fantini contemplou o céu muito azul da tarde, como quem se propunha elevar a palestra, no rumo de planos mais altos, e Evelina seguiu-lhe a pausa, em silêncio comovido, entremostrando igualmente o propósito de alçar a conversação, sofrimento acima, sedenta de refletir e filosofar.

## 2

### Na porta da intimidade

Não longe surgiu pequeno carro de passeio. Vinha devagar, muito devagar.

Vendo o animal que se aproximava, a passo lento, o cavalheiro disse à dama:

– Compreendo-lhe a necessidade de repouso, mas se aceita uma excursão pelas termas...

– Agradeço – respondeu –, contudo, não posso. Refazimento é agora minha maior terapêutica.

– Efetivamente, nosso caso não comporta sacudidelas.

A pequena viatura passou rente ao sossegado retiro.

Os dois perceberam a razão da marcha morosa. O veículo fora decerto acidentado e mostrava uma roda partida, avançando dificilmente; enquanto isso, o jovem baleeiro, a pé, guiava o animal com extremado carinho, deixando-o quase livre.

A senhora Serpa e o improvisado amigo seguiram-nos com o olhar, até que desaparecessem na esquina próxima.

Em seguida, Fantini fixou um grande sorriso e enunciou muito calmo:

– Senhora Serpa...

Ela, porém, cortou-lhe a frase com outro sorriso franco e corrigiu, jovial:

– Chame-me Evelina. Creio que, sendo nós irmãos numa doença rara, temos direito à estima espontânea.

– Muito bem!... – acentuou o interlocutor e aduziu: – doravante, sou também apenas Ernesto, para a senhora.

Ele deixou cair a mão descorada no encosto do banco enorme e prosseguiu:

– Dona Evelina, a senhora já leu algo de espiritualismo?

– Não.

– Pois quero dizer-lhe que a charrete, ainda agora sob nossa observação, me fez lembrar certos apontamentos que esquadrinhei, nos meus estudos de ontem. O interessante escritor que venho compulsando, numa definição que ele mesmo considera superficial, compreende a criatura humana como um ternário, semelhante ao carro, ao cavalo e ao condutor, os três juntos em serviço...

– Como pode ser isso? – interrogou Evelina, sublinhando a palavra de surpresa e gracejando com o olhar.

– O carro equivale ao corpo físico, o animal pode ser comparado ao corpo espiritual, modelador e sustentador dos fenômenos que nos garantem a existência física, e o cocheiro simboliza, em suma, o nosso próprio espírito, isto é, nós mesmos, no governo mental da vida que nos é própria. O carro avariado, qual o que vimos aqui, recorda um corpo doente e, quando um veículo assim se faz de todo imprestável, o condutor abandona-o à sucata da natureza e prossegue em serviço, montando conseqüentemente o animal para continuarem ambos, no curso de sua viagem para diante... Isso ocorreria, de maneira natural, na morte ou na desencarnação. O corpo de carne, tornado inútil, é restituído à terra, enquanto que nosso espírito, envergando o envoltório de matéria sutil, que, aliás, lhe condiciona a existência terrestre, passa a viver em outro plano, no qual a roupa de matéria mais densa para nada mais lhe serve...

Evelina riu-se, sem perder embora o respeito que devia ao interlocutor, e alegou:

– Teoria engenhosa!... O senhor me fala da morte, e que me diz desse trio durante o sono?

– Muito razoavelmente, no sono físico, há descanso para os três elementos, descanso esse que varia de condutor para condutor, ou melhor, de espírito para espírito. Quando dormimos, o veículo pesado ou corpo carnal repousa sempre, mas o comportamento do espírito difere infinitamente. Por exemplo, depois de copioso repasto para o condutor e o cavalo, é justo se imobilizem ambos na inércia, tanto quanto o carro que carregam; entretanto, se o boleiro se caracteriza por hábitos de estudo e serviço, quando o veículo se detém na oficina para reajuste ou reabastecimento, ei-lo que utiliza o animal para excursões educativas ou tarefas nobilitantes. De outras vezes, se o condutor é ainda profundamente inábil ou inexperiente, patenteando receio da viagem, sempre que o veículo exija restauração, ei-lo que se oculta nas imediações do posto socorrista, esperando que o carro se refaça, a fim de retomá-lo, à feição de armadura para a própria defesa.

Evelina estampou um gesto de incredulidade e obtemperou:

– Nada conheço de espiritualismo...

– É proficiente de alguma religião particularizada?

– Sim, sou católica, sem fanatismo, mas francamente determinada a viver segundo os preceitos de minha fé. Pratico as instruções dos sacerdotes, crendo neles.

– A senhora deve ser louvada por isso. Toda convicção pura é respeitável. Invejo-lhe a confiança perfeita.

– Não é religioso, o senhor?

– Quisera ser. Sou um procurador da verdade, livre atirador no campo das idéias...

– E lê espiritualismo por desfastio?

– Por desfazio? Oh! não! Leio por necessidade. Dona Evelina, a senhora esqueceu? Estamos na bica de uma cirurgia que nos pode ser fatal... Nossas malas talvez estejam prontas para uma longa excursão!...

– Da qual ninguém volta.

– Quem pode saber?

– Entendo – ajuntou a dama, sorrindo –, estuda espiritualismo, à maneira do viajante que aspira a conhecer o dinheiro, a língua, os costumes e as modas do país estrangeiro que tenciona visitar. Informações resumidas, cursos rápidos...

– Não nego. Tenho tido mais tempo ao meu dispor e desse tempo faço hoje os investimentos que posso, nos domínios de tudo o que se relacione com as ciências da alma, principalmente com aquilo que se refira à sobrevivência e à comunicação com os Espíritos, supostos habitantes de outras esferas.

– E o senhor já encontrou a prova de semelhante intercâmbio? conseguiu mensagens diretas com algum de seus mortos queridos?

– Ainda não.

– Isso, acaso, não lhe desencoraja a busca?

– De modo algum.

– Prefiro as minhas crenças tranqüilas. A confiança sem dúvida, a oração sem tortura mental...

– Será uma bênção o seu estado íntimo e acato, com todo o meu coração, a sua felicidade religiosa; no entanto, se houver uma outra vida à nossa espera e se a indagação aparecer em sua alma?

– Como pode falar desse modo se ainda não obteve a suspirada demonstração da sobrevivência?

– Não me é possível descrer do critério dos sábios e das pessoas de elevado caráter, que a tiveram.

– Bem – explicou-se Evelina bem-humorada –, o senhor estará com os seus pesquisadores, eu ficarei com os meus santos...

– Não faço qualquer objeção, quanto à excelência dos seus advogados – revidou Fantini no mesmo tom –, mas não consigo furtar-me à sede de estudo. Antes da moléstia, reconhecia-me seguro da vida. Comandava os acontecimentos, nem sabia, ao menos, da existência desse ou daquele órgão no meu corpo. Entretanto, um tumor na supra-renal não é uma pedra no sapato. Tem qualquer coisa de um fantasma, anunciando contratempos e obrigando-me a pensar, raciocinar, discernir...

– Tem medo da morte? – chasqueou a moça, com fina verve.

– Não tanto, e a senhora?

– Bem, eu não desejo morrer. Tenho meus pais, meu esposo, meus amigos. Adoro a vida, mas...

– Mas?...

– Se Deus determinar a extinção dos meus dias, estarei conformada.

– Porventura, não tem problemas? Nunca sofreu a influência dos males que nos atormentam o dia-a-dia?

– Não diga que me vai examinar a consciência; já tenho que dar contas de mim mesma aos confessores.

E rindo-se, desembaraçadamente, reforçou:

– Admito os males que outros nos façam como parcelas do resgate de nossos pecados perante Deus; no entanto, os males que fazemos são golpes que desferimos contra nós mesmos. Supondo assim, procuro preservar-me, isto é, reconheço que não devo ferir a ninguém. Em razão disso, busco na confissão um contraveneno que, de tempos a tempos, me imunize, evitando a explosão de minhas próprias tendências inferiores.



– Admirável que uma inteligência, qual a sua, se acomode com tanto gosto e sinceridade à confissão.

– Certamente preciso saber com que sacerdote me desinibo. Não quero comprar o Céu com atitudes calculadas e sim agir em oposição aos defeitos que carrego e, por isso, não seria correto abrir o coração diante de quem não me possa entender e nem ajudar.

– Compreendo...

Retomando o trato íntimo, à base de respeitosa confiança, a senhora Serpa considerou:

– Acredite que também eu, ante a enfermidade, tenho vivido mais cuidadosa. Até mesmo na véspera de minha vinda para cá, harmonizei-me com os deveres religiosos. Confessei-me. E das inquietações que confiei ao meu velho diretor, posso dizer-lhe a maior.

– Não, não!... Não me conceda tanto... – tartamudeou Fantini, espantado com a devoção carinhosa em que Evelina se exprimia.

– Oh! porque não? Estamos aqui na idéia de que somos amigos de muito tempo. O senhor me fala de suas preparações ante as probabilidades da morte e não me deixa tocar nas minhas?

Desataram-se ambos em riso claro e, quando a pausa mais longa se intrometeu no diálogo, entreolharam-se, de modo significativo. Um e outro fixaram no rosto inequívoca nota de susto.

A mirada recíproca lhes fazia observar que haviam caminhado, a passos compridos, para a intimidade profunda.

Onde vira antes aquela jovem senhora que a beleza e o raciocínio tanto favoreciam? – pensava Ernesto, atordoado.

Em que lugar teria encontrado alguma vez aquele cavalheiro maduro e inteligente que tão bem conjugava simpatia e compreen-

são? – refletia a senhora Serpa, incapaz de esconder o agradável assombro que a dominava.

O intervalo consumiu segundos inquietantes para os dois, enquanto o crepúsculo, em derredor, acumulava cores e sombras, anunciando a noite próxima.

### 3

## Ajuste amigo

Fantini percebeu que a interlocutora havia sido sulcada mentalmente pelo olhar que lhe endereçara e dispôs-se a tranqüilizá-la:

– Continuemos, Dona Evelina. Minha presença não lhe fará mal. Observe-me, não direi com a sua gentileza, mas sim com o seu discernimento. Sou um velho enfermo que pode ser seu pai e acredite que a vejo como filha...

A voz dele esmoreceu, de algum modo, entretanto cobrou ânimo e terminou:

– A filha que estimaria ter, em lugar da que possuo.

Evelina adivinhou o sofrimento moral que as palavras dele destilavam e reajustou a posição emotiva, sentenciando:

– O senhor não se alegraria com uma filha doente qual estou. Mas... voltemos ao meu caso, o caso da confissão.

– Não me conte tristezas...

– Certo. Já não dispomos de muito tempo.

E continuou com um sorriso de mofa:

– Conversando com tanta franqueza, num lugar que talvez seja a antecâmara da morte para um de nós dois, desejo dizer-lhe que só um fato me perturba. Tenho as desilusões comuns a qualquer pessoa. Meu pai morreu, quando eu mal completara dois anos; minha mãe, então viúva, deu-me um padrasto, algum tempo depois; ainda na infância, fui internada num colégio de religiosas amigas e, depois disso tudo, casei-me para ter um marido diferente daquele que eu sonhava... No meio do romance, uma tragédia... Um homem, um rapaz digno, aniquilou-se por minha causa, seis

meses antes do meu casamento. Precedendo o ato que lhe impôs a morte, tentou o suicídio ao ver-se posto à margem. Compadece-me. Busquei reaproximar-me, ao menos para consolá-lo, e, quando meu sentimento balançava entre o pobre moço e o homem que desposei, ei-lo que se despede da vida com um tiro no coração... Desde aí, qualquer felicidade para mim é uma luz misturada de sombra. Embora o imenso amor que consagro a meu marido, nem mesmo a condição de mãe consegui. Vivo doente, frustrada, abatida...

– Ora, ora! – aventou Ernesto, diligenciando encontrar uma escapatória otimista – não se julgue culpada. Não fosse supostamente pela senhora e o moço agiria de igual modo por outro móvel. O impulso suicida, tanto quanto o impulso criminoso...

A voz dele empalideceu de novo, qual se o íntimo recusasse certas reminiscências que as palavras em curso lhe suscitavam à memória; contudo, dando a idéia de quem agia fortemente contra si mesmo, prosseguiu:

– São incógnitas da alma. Talvez sejam ápices de doenças psíquicas, demoradamente mantidas no espírito. O suicídio e o crime são de temer em qualquer de nós, porque são atos de delírio, que fundos processos de corrosão mental determinam em qualquer um.

– O senhor procura apaziguar-me com a sua nobreza de coração – exclamou Evelina, cismativa –, decerto não conheceu, até hoje, um problema assim agudo, a conturbar-lhe a consciência.

– Eu? eu? – gaguejou Fantini, desconcertado –, não me faça voltar ao passado, pelo amor de Deus!... Já cometi muitos erros, sofri muitos enganos...

E, no objetivo de contornar a questão sem escarpá-la, Ernesto sorriu à força, com a maleabilidade das pessoas maduras, que

sabem usar várias máscaras fisionômicas, para determinados efeitos psicológicos, e aditou:

– Não consegui, porventura, esquecer o moço suicida, com apoio no confessorário? O seu diretor espiritual não lhe sossegou o coração sensível e afetuoso?

– Repito que sempre encontrei na confissão de meus erros menores uma espécie de vacina moral contra erros maiores; entretanto, no caso em apreço, não obtive a paz que desejava. Admito que se não houvesse hesitado, tanto tempo, entre dois homens, teria evitado o desastre. Basta me lembre de Túlio, o infeliz, para que o quadro da morte dele se me reavive na lembrança e, com a lembrança, surja, de imediato, o complexo de culpa...

– Não se agaste. A senhora está muito jovem. Como acontece à mão que, a pouco e pouco, se caleja no trabalho do campo, a sensibilidade também se enrijece com o sofrimento na vida. Certamente, se escaparmos, com êxito, no salto que pretendemos dar para a saúde, ainda veremos muitos suicídios, muitas decepções, muitas calamidades...

A senhora Serpa refletiu alguns momentos e, dando a impressão de quem se propunha ganhar ensejo para balsamizar feridas íntimas, indagou com intenção:

– O senhor, que vem estudando as ciências da alma, acredita piamente que reencontraremos as pessoas queridas, depois da morte?

Fantini estampou um gesto de complacência e divagou:

– Não sei porque, mas, à frente de sua inquirição, veio-me à cabeça aquele pensamento do velho Shakespeare: “Os infelizes não possuem outro medicamento que não seja a esperança.” Tenho boas razões para crer que nos reveremos uns aos outros, quando não mais estivermos neste mundo; todavia, compreendo que a precariedade do meu estado orgânico é o agente fixador de

semelhante convicção. A senhora já notou que as idéias e as palavras são filhas das circunstâncias? Imagine se nos víssemos hoje em plenitude da força física, robustos e bem apessoados, num encontro social, num baile por exemplo... Qualquer conceito, em torno dos assuntos que nos aproximam agora um do outro, seria imediatamente banido de nossas cogitações.

– É verdade.

– A moléstia aflitiva nos dá direito de entretecer novos recursos e novas interpretações, ao redor da vida e da morte, e, na esfera das novas conclusões que temos à frente, admito que a existência não acaba no túmulo. Estamos intimados a recordar aquela antiga ilação das novelas de amor, “o romance termina, mas a vida continua...” O envoltório de carne tombará consumido; todavia, o Espírito seguirá adiante, sempre adiante...

– O senhor costuma pensar em alguém que estimaria achar na outra vida?

Ele mostrou enigmático sorriso e zombeteou:

– Penso em alguém que estimaria não achar.

– Não consigo entender o trocadilho. Apesar disso, reconforta-me anotar a certeza com que me fala, acerca do futuro.

– A senhora não pode e nem deve perder a confiança no porvir. Lembre-se de que é, sobretudo, cristã, discípula de um Mestre que ressurgiu da campa, ao terceiro dia, depois da morte.

A senhora Serpa não sorriu. O olhar divagou, além, nas nuvens róseas que refletiam o Sol já distante, reconhecendo-se talvez sacudida nas forças profundas de sua fé por aquela inesperada observação.

Findo o longo intervalo, voltou a fitar o interlocutor e preparou a despedida:

– Bem, senhor Fantini, se houver outra vida, além desta, e se for a vontade de Deus que venhamos a sofrer, em breve, a grande mudança, creio que nos veremos de novo e seremos lá bons amigos...

– Como não? se conseguir adivinhar o fim de meu corpo, conservarei firme o pensamento positivo do nosso reencontro.

– Também eu.

– Quando volta a São Paulo?

– Amanhã pela manhã.

– Tem ocasião marcada para o trabalho operatório?

– Meu marido decidirá isso com o médico; no entanto, creio que, na semana vindoura, enfrentarei o problema. E o senhor?

– Não estou certo. Questão de mais alguns poucos dias. Não desejo retardar a intervenção. Posso, acaso, saber o nome do seu hospital?

Evelina meditou, meditou... E concluiu:

– Senhor Fantini, somos ambos portadores da mesma doença, insidiosa e rara. Não será isso o bastante para aproximar-nos um do outro? Esperemos o futuro sem aflição. Se escaparmos do atoleiro, estou convencida de que Deus nos favorecerá com um novo encontro aqui na Terra mesmo... Se a morte vier, a nossa amizade, em outro mundo, ficará também subordinada aos desígnios da Providência.

Ernesto achou graça e ambos regressaram ao hotel, passo a passo, em comovido silêncio.

## 4

# Renovação

Evelina somente voltou a pensar na presença confortadora de Ernesto, o amigo desconhecido, quando Dr. Caio Serpa, o esposo, a deixou naquele espaçoso apartamento de hospital, na véspera da cirurgia, no qual se via, agora, ruminando estranhas reflexões.

Era por demais jovem e estava quase que absolutamente convencida, quanto à própria recuperação, para demorar-se em quaisquer vaticínios menos felizes. Entretanto, ali, a sós, aguardando a enfermeira, as alegações de Fantini lhe perpassavam o cérebro, escaldando-lhe a imaginação.

Sim, meditava torturada, arrostaria grande risco. Talvez não regressasse à convivência dos seus... Se morresse, para onde iria? Quando menina, acreditava, de boa fé, na existência dos lugares predeterminados de felicidade ou sofrimento, sobre os quais a antiga teologia católica regulava a posição dos homens, para lá da morte. Agora, porém, com a ciência explorando as vastidões cósmicas, era bastante inteligente para perceber o tato com que o amadurecido confessor lhe falava das indispensáveis renovações que se impunham à esfera religiosa. Aprendera com ele, generoso e culto amigo, a conservar, inalterável, a confiança em Deus, no divino apostolado de Jesus-Cristo e no ministério infável dos santos; contudo, decidira colocar à parte, no rumo da necessária revisão, todas as afirmativas da autoridade humana sobre as coisas e causas da Providência Divina. A idéia da morte assomou-lhe à cabeça com mais força, mas repeliu-a. Queria a saúde, a euforia orgânica. Ansiava restaurar-se, viver. Deteve-se, de súbito, a esquadriñar os problemas domésticos. Evidentemente, atravessava escabrosa fase nas relações conjugais; no entanto, tinha motivos para contar com feliz reajuste. Admitia-se em plena floração



dos ideais feminis. Carecia, tão-só, de reequilíbrio físico. Recuperando-se, diligenciaría remover a *outra*. Transfiguraria a área afetiva e de tal modo se propunha aformoseá-la que o esposo, decerto, lhe tornaria ao carinho, sem que fosse constrangida a usar azedume ou discussão. Além disso, reconhecia-se útil. Devia querer a vida, disputá-la a todo preço, sentir-se prestante, não apenas para os familiares, mas também para as criaturas menos felizes. Poderia, sem dúvida, diminuir a penúria onde a penúria existisse...

A lembrança, com respeito aos necessitados, sensibilizou-a... Quantos respirariam, ali mesmo, perto dela, isolados, uns dos outros, pelas fronteiras de alvenaria? como não pensara nisso antes?

Gastara a existência na condição de satélite de três pessoas, o marido, a genitora, o padrasto... Porque não reaver as próprias forças, renovar-se, viver? Sim, recusaria todo pensamento acerca dos fenômenos da morte e concentrar-se-ia, com todo o vigor de que se sentia capaz, no propósito de retomar-se organicamente.

Lera muitos psicólogos e conhecera com eles a importância dos impulsos mentais. Aspirava a sarar. Repetiria isso, tantas vezes quantas fosse possível, com todos os seus potenciais de força emotiva, escolhendo as palavras carregadas de energia que lhe pudessem definir com mais segurança os estados de alma.

Ah! – disse, pensando, de si para si – nesse sentido, oraria também!...

Formulada essa idéia, esbarrou, de chofre, com a imagem de Jesus Crucificado, a pender de parede próxima, e arrancou-se para ela. Contemplou o rosto sublime que o artista modelara com sentimento profundo e, cruzando as mãos sobre o peito, falou mais com a voz do coração do que com os lábios:

– Senhor, compadece-te de mim!...

Nisso, porém, ao fitar aquela cabeça coroada de espinhos e aqueles braços pregados ao lenho do sacrifício, pareceu-lhe que o Cristo estimava surgir na memória das criaturas naquela figura de dor para lembrar-lhes a fatalidade da morte.

Fundo abalo moral convulsionou-lhe os nervos, não mais sabia se lhe era lícito optar entre viver ou morrer e, escondendo o rosto entre as mãos, ajoelhou-se, humilde, à frente da escultura delicada, junto da qual pranteou copiosamente.

Alguém despertou-a, de manso:

– Chorando porque, senhora?

Diligente enfermeira vinha requisitá-la ao serviço pré-operatório.

Evelina ergueu-se, enxugou as lágrimas, sorriu.

– Desculpe-me.

– Sou eu que a incomodo, senhora Serpa – rogou a jovem –, perdoe-me se lhe perturbo as orações; no entanto, urge aprestar-se. Além disso, o esposo aguarda ocasião para entrar.

A doente obedeceu, ausentando-se do quarto, por algum tempo, e retornando, logo após.

O marido esperava-a, folheando jornais do dia.

– Então – bisbilhotou ele, fingindo-se bem-humorado –, agora, o salão de beleza, amanhã, o retorno à saúde.

A voz do Dr. Serpa evidenciava energia e brandura simultâneas. Advogado jovem, mas experimentado em relações públicas, exibia maneiras estudadas, conquanto simpáticas. Autêntico representante do tope social, não se lhe notava o menor desalinho. Justo, porém, dizer que o moço causídico se trancava no imo do ser, esforçando-se por manter oculta a feição enigmática da própria alma. Não estava ali, na estampa física, tal qual se mostrava por dentro. Não era tão-somente um homem natural, simplesmen-

te um homem natural, em cujo caráter o verniz acadêmico não conseguia extinguir, de todo, os resíduos da animalidade, compreensíveis em todas as criaturas da Terra, ainda puramente naturais e humanas. Além disso, aos nossos olhos espirituais, patenteava sombrias inquietações.

Depois das primeiras palavras, quentes de ternura, abeirou-se da esposa e osculou-lhe os cabelos.

Ela não dissimulou a própria alegria e conversaram em suave transbordamento afetivo.

Evelina reafirmou com os lábios a certeza da recuperação próxima, enquanto ele dava notícias. Os sogros, em seu sítio no sul, esperavam boas novas da operação e lhes viriam ao encontro, oportunamente. Com certeza, não chegariam, de imediato, evitando alarme. Queriam dar à filha querida a convicção de que se achavam tranqüilos, quanto ao tratamento em curso.

E Caio desdobrava outros informes.

Ouvira amigos médicos. Realizara interessantes estudos em torno da intervenção na supra-renal. Quanto ao caso dela, Evelina, o cirurgião estava otimista. Que lhes faltava agora, senão o êxito, com a bênção de Deus?

Regozijou-se a enferma, ao registrar-lhe a expressão “bênção de Deus”. Algo de novo estaria surgindo naquele estimado ateu de trinta anos? – monologava no íntimo. Caio se lhe afigurava, ali, mais atencioso, diferente. Simples de coração, não percebia que ele disfarçava. Serpa emitia comunicações imaginárias. O médico da família, tanto quanto o cirurgião, nada garantiam além de uma operação exploratória, com reduzidas esperanças de êxito. O próprio cardiologista, devidamente consultado, quase que desaconselhava o tentame, e só não o fazia porque a moça avançava, a passos largos, para a morte. De que valeria obstar uma providência que talvez a salvasse? O marido conhecia as preocupações em

pauta; contudo, fantasiava argumentos confortativos, mentia piedosamente, comentando os exames, complementados de avisos francos, sobre a gravidade da situação.

O advogado pernitoou no próprio hospital, na condição de acompanhante da enferma. Auxiliou a serviçal da noite, na administração de tranqüilizantes precursores da anestesia. Dispensou à doente carinhos e cuidados, qual se ela fosse uma criança e ele o pai zeloso.

No dia imediato, porém, finda a cirurgia, foi convidado a entendimento com o médico operador e, pálido, colheu a sentença. Evelina, segundo os recursos da ciência humana, dispunha tão-somente de alguns dias mais. Que ele, o marido, tomasse as medidas que julgasse convenientes, a fim de que não lhe faltasse o conforto possível.

O médico resumiu todas as suas impressões numa só frase:

– Ela parece uma rosa totalmente carcomida por agentes malignos.

Caio, embora o quisesse, nada mais ouviu das doutes observações expendidas sobre neoplasmas, focos secundários, metástases e tumores que reincidiam depois da ablação. Sentia-se petrificado. Lágrimas compridas penaram-lhe a face.

Concluído o testemunho de solidariedade e ternura humanas com que foi amparado pelo cirurgião amigo, correu para junto da companheira prostrada. E durante dias e noites de paciência e ansiedade, foi-lhe o irmão e o pai, o tutor e o amigo.

Satisfazendo-lhe os apelos, os sogros vieram consolar a filha nos dias últimos. Dona Brígida, a genitora, e o Sr. Amâncio Terra, o padrastrô, proprietários de sítio próspero, no sul paulista, compareceram desolados, buscando, no entanto, selecionar palavras de otimismo e sustando o choro.

Embalada na rede do devotamento familiar, Evelina, aparentemente melhorada, voltou ao mundo doméstico, recolhendo mimos que, desde muito tempo, não recebia, concomitantemente com as crises periódicas de sufocação que a deixavam inerte.

Apesar da posição melindrosa, acreditava nas opiniões lisonjeiras dos familiares e dos amigos.

Aquilo passaria. Ninguém se forra às seqüelas de uma operação, qual a que sofrera. Que ela confiasse, orasse com fé.

Após duas semanas de calma e repiquetes, surgiram seis dias de contínuo bem-estar.

Não obstante extremamente magra e abatida, transferiu-se do leito para a espreguiçadeira, alimentava-se quase que normalmente, conversava tranqüila, obtinha o conforto da religião através da cortesia de um sacerdote abnegado e, à noite, pedia ao padraсто alguns minutos de leitura alegre e amena.

Ao entardecer do quinto dia de esperança, formulou uma solicitação inesperada.

Não poderia Serpa levá-la ao passeio predileto dos tempos de noivado?

– Morumbi à noite? – indagou a mãezinha, intrigada.

Evelina justificou-se. Queria ver a cidade faiscante de luzes ao longe, os olhos tinham saudade do céu estrelado.

Caio telefonou ao médico e o médico acedeu.

Mais algum tempo, aflito por satisfazê-la, o marido arrancou o carro à garagem, para, logo após, tomá-la de encontro ao peito, qual se carregasse leve menina. Acomodou-a ao lado dele, prescindiu da companhia dos sogros, e partiram.

A enferma seguia, encantada. Reviu as ruas repletas e, depois, a paisagem do Morumbi e arredores, no que ela possuía de mais natureza.

Ao vê-la falar, entusiasmada, o esposo enteneceu-se. Como que a reencontrava na moldura de noiva querida, da noiva a quem amara desvairadamente, anos antes. Experimentou remorsos, recordando a infidelidade conjugal em que se mantinha. Quis suplicar-lhe perdão, confessar-se, mas reconheceu que aquele não era o momento adequado.

Freou o carro, contemplou-a. Evelina parecia sutilizar-se, os olhos brilhavam aos toques do luar, movia-se a cabeça como que nimbada de luz...

Caio tomou-a nos braços robustos, com a ansiedade de quem se propunha apoderar-se de um tesouro e defendê-lo... Num transporte irresistível de carinho, beijou-a e beijou-a, até que lhe sentiu o rosto frio molhado de lágrimas ardentes...

Evelina chorava de ventura.

Ao sentir-se liberta daqueles braços que adorava, deitou a cabeça ligeiramente para fora e deteve-se na visão do firmamento que se lhe figurava agora um campo gigantesco, ostentando flores de fogo e prata...

Buscou a destra do companheiro, apertou-a demoradamente e indagou:

– Caio, você acredita que nos encontraremos, depois da morte?

Ele desconversou, ligou o motor, exortou-a a trocar de assunto, proibiu-a, em tom afetuoso, de reportar-se ao que nomeou como sendo coisas tristes, e regressaram.

Caminho afora, a enferma lembrou-se do entendimento fácil com Ernesto Fantini, o improvisado amigo do balneário. Inexplicavelmente para ela mesma, tinha saudades daquela presença que lhe fora suave e grata. Sentia sede de permuta espiritual. Aspirava a falar nos segredos da vida eterna e ouvir alguém, no mesmo tema e no mesmo diapasão. Naquele instante, porém, o esposo se

lhe destacava na imaginação por estranho violino que não se lhe adaptava agora às fibras do arco. As emoções sublimes lhe esmoeciam no peito, à minguia de crescimento e repercussão. Preferiu, desse modo, escutar o marido, abençoá-lo, aprová-lo.

Mais um dia sereno e, em seguida, Evelina amanheceu em crise. De angústia em angústia, com anestésicos de permeio, a jovem senhora Serpa atingiu a derradeira noite no mundo.

Ante a mágoa profunda do esposo e dos pais, que tudo fizeram para retê-la, Evelina, fatigada, cerrou os olhos do corpo físico, na suprema libertação, justamente quando as estrelas desmaivam na antemanhã, sobre-rondando alvorada nova.

## 5

# Reencontro

Evelina despertou num quarto espaçoso, com duas janelas deixando ver o céu.

Energia de um sono profundo, pensou.

Diligenciou recordar-se, assentando contas da própria situação.

Como teria entrado na amnésia de que estava tornando agora à tona da consciência?

Desemperrou a custo os mecanismos da memória e passou a lembrar-se, vagarosamente... A princípio, indescritível pesadelo lhe conturbara o repouso começante. Sofrera, decerto, uma síncope inexplicável. Percebera-se movendo num mundo exótico de imagens que a faziam regredir na estrada das próprias reminiscências. Recapitulara, não sabia como, todas as fases de sua curta vida. Voltara no tempo. Reconstituíra todos os dias já vividos, a ponto de rever o pai chegando morto ao lar, quando contava somente dois anos de idade. Nesse filme que as energias ocultas da própria mente haviam exibido para ela, nos quadros mais íntimos do ser, ouvira, de novo, os gritos maternos e enxergava, à frente, os vizinhos espantados, sem compreender a tragédia que se lhe abatia sobre a casa...

Depois, registrara a impressão de tremendo choque.

Algo como que se lhe desabotoara no cérebro e vira-se flutuar sobre o próprio corpo adormecido...

Logo após, o sono invencível.

De nada mais se apercebera.



Quantas horas gastara no torpor imprevisto? Estaria regressando a si, vencido o colapso, por efeito de algum tratamento de exceção? Porque não via, ali, junto do leito, algum familiar que lhe propiciasse as necessárias explicações?

Tentou sentar-se e o conseguiu, sem a menor dificuldade.

Inspecionou o ambiente, concluindo que o pouso se lhe trocara. Inferiu das primeiras observações que, tombada em desmaio, fora reconduzida ao hospital e ocupava, agora, larga dependência, que o verde-claro tornava repouso.

Em mesa próxima, viu rosas que lhe chamavam a atenção para o perfume.

Cortinas tênues bailavam, de manso, aos ritmos do vento, que penetrava as venezianas diferentes, talhadas em substância semelhante ao cristal revestido de essência esmeraldina.

Em tudo, simplicidade e previsão, conforto e leveza.

Evelina bocejou, distendeu os braços e não se surpreendeu com qualquer dor.

Recuperara-se enfim, refletiu alegre.

Conhecia a presença da saúde e a testemunhava em si mesma. Nenhum sofrimento, nenhum estorvo.

Se algo experimentava de menos agradável, era precisamente um sinal de robustez orgânica: sentia fome.

Onde o marido? onde os pais?

Desejava gritar de felicidade, comunicando-lhes que sarara. Aspirava a dizer-lhes que os sacrifícios efetuados por ela não haviam sido inúteis. No íntimo, agradecia a Deus a dádiva do próprio restabelecimento e ansiava estender a jubilosa gratidão aos seres queridos.

Não mais lograva sopitar o coração embriagado de regozijo e, por isso, buscou a campainha, rente a ela. Apertou o botão de

chamada e uma senhora de semblante doce e atraente apareceu, saudando-a com palavras de irradiante carinho.

Evelina aceitou com naturalidade a cooperação da desconhecida.

– Enfermeira – falou para a recém-chegada –, posso rogar-lhe o favor de chamar meu marido?

– Tenho instruções para, antes de tudo, informar o médico sobre suas melhoras.

A senhora Serpa concordou, afirmando, no entanto, que sentia necessidade de reencontrar os familiares, de maneira a repartir com eles o próprio júbilo.

– Compreendo... – redarguiu a serviçal, com inflexão de ternura.

– Tenho sede de entender-me com alguém – aditou a convalescente, animada –, como se chama a senhora?

– Chame-me Irmã Isa.

– Decerto, a senhora me conhece. Sou Evelina Serpa e devo ter aqui minha ficha...

– Sim.

– Irmã Isa, que me sucedeu? Estou bem, mas num estado estranho que não sei definir...

– A senhora passou por longa cirurgia, precisa descansar, refazer-se...

Para Evelina, em verdade, nada havia de surpreendente naquelas palavras articuladas em tom significativo. Sabia-se operada. Passara pela dolorosa ablação de um tumor. Estivera em casa, melhorara tanto que obtivera um passeio com o marido pelas estradas do Morumbi. Apesar de tudo, reconhecia-se novamente hospitalizada, sem poder ajuizar dos motivos.

Enquanto alinhava indagações mudas, não viu que a atendente pressionava um ponto cinza, em determinado recanto, comunicando-se com o médico de plantão.

Em dois minutos, um homem de branco entrou, calmo.

Cumprimentou a doente, examinou-a, sorriu satisfeito.

– Doutor... – começou dizendo, ansiosa por justificar-se.

E pediu informes. Desejava saber como e quando conseguiria rever o esposo e os pais.

Não seria justo dar aos seus a notícia do êxito com que o hospital a brindava?

O facultativo ouviu-a, paciente, e rogou-lhe conformidade. Retornaria aos parentes, mas precisava reajustar-se.

Gesticulando carinhosamente, qual se sossegasse uma filha, aclarou:

– A senhora está melhor, muito melhor; entretanto, ainda sob rigorosa assistência de ordem mental. Em se ligando a quaisquer agentes suscetíveis de induzi-la a recordações muito ativas da moléstia que sofreu, é provável que todos os sintomas reapareçam. Pense nisso. Não lhe convém, por agora, recolocar-se entre os seus.

E com um olhar ainda mais compreensivo, ajuntou:

– Coopere...

Evelina ouviu a observação, de olhos lacrimosos, mas resignou-se.

Afinal, concluiu intimamente, devia ser reconhecida aos que lhe haviam granjeado a bênção da nova situação. Não lhe cabia interferir em providências, cujo significado era incapaz de apreender. Adivinhando que o médico se dispunha a sair, solicitou com humildade se lhe seria permitido ler e, se essa concessão lhe fosse feita, rogaria que a casa lhe emprestasse algum volume em

que pudesse colher ensinamentos de Cristo. Sensibilizado, o médico lembrou o Novo Testamento e, a breves instantes, a atendente trouxe o livro mencionado.

Restituída à solidão, Evelina começou a ler o Sermão da Montanha; todavia, a advertência clínica se lhe intrometia na imaginação, insistentemente. Se estava restaurada, qual se via, porque simples lembranças lhe imporiam retorno aos padecimentos de que se acusava liberta? Porquê? Percebia-se na posse de inenarrável euforia. Deliciosa sensação de leveza lhe mantinha a disposição para a alegria, como nunca sentira em toda a existência.

Tais recursos de equilíbrio orgânico seriam assim tão fáceis de perder?

Retirou a atenção do livro e engolfou-se em novas cogitações... E se reconstituísse em espírito a presença de Caio e dos pais, com veemência? e se concentrasse os próprios pensamentos nas dores que havia deixado à retaguarda?

Infelizmente para ela, confiou-se a semelhantes exercícios e, decorridos alguns minutos, a crise revelou-se, agigantando-se-lhe no corpo em momentos rápidos. Regelavam-se-lhe as extremidades, enquanto que mantinha a idéia de que um braseiro a requemava por dentro, com a dispnéia afrontando-lhe o peito. Desencadeados os sintomas, quis reagir, contrapor conceitos de saúde aos de doença; entretanto, era tarde. O sofrimento ganhou-lhe as forças e passou a contorcer-se no suplício de que se admitira definitivamente distanciada...

Atônita, premiu a campainha e a prestimosa atendente se desdobrou na tarefa assistencial.

O médico reapareceu e administrou sedativos.

Ambos, nem ele nem a enfermeira, lhe endereçaram o mínimo reproche, mas a doente lhes leu no olhar a convicção de que

tudo haviam compreendido. Em silêncio, davam-lhe a saber que não lhe ignoravam a teimosia e que, com toda a certeza, não se acomodando aos avisos recebidos, quisera experimentar por si mesma o que vinha a ser um tipo de mentalização inconveniente.

Conquanto a bondade de que dava mostras, o médico agiu com energia.

Forneceu instruções severas à companheira de serviço, depois da injeção calmante que ele próprio aplicou à senhora Serpa, em determinada região da cabeça, e recomendou medidas especiais para que ela dormisse. Aconselhável obrigá-la a repousar mais tempo, controlada por anestésicos. A doente não podia e nem devia entregar-se a idéias fixas, sob pena de voltar a sofrer sem necessidade.

Evelina registrou as observações dele, em franca modorra. Depois, abismou-se em pesado sono, do qual despertou muitas horas após, consciente de que lhe competia cuidar-se, evitando novo pânico. Mostrou o desejo de alimentar-se e foi imediatamente atendida com caldo quente e reconfortante, que lhe calhou gostosamente ao paladar, à feição de néctar.

Refez-se, vigilante. Reconhecia-se sob uma espécie de assistência cuja eficácia e poder não lhe cabia agora subestimar.

Finda uma semana em descanso absoluto, com entretenimentos de leitura escolhida pelas autoridades que a cercavam, passou a caminhar no recinto do quarto.

Ao retomar a verticalidade, assinalava em si mesma inequívocas diferenças. Os pés se lhe patenteavam leves, qual se o corpo houvesse diminuído de peso, intensivamente, e, sobretudo, no cérebro, as idéias lhe nasciam em torrente, vigorosas e belas, quase a se lhe materializarem diante dos olhos.

Numa tarde em que se via mais amplamente estimulada a reaver os movimentos normais, abeirou-se da janela que dava para

um pátio enorme e, do alto do terceiro andar que a hospedava, contemplou dezenas de pessoas que conversavam alegremente, muitas delas sentadas em torno de irisada fonte que se erigia em centro de florido e extenso jardim.

Aquela sociedade serena atraíu-a.

Tinha sede de convivência, atreita que se achava a austeras disciplinas. A vista disso, consultou a enfermeira se lhe era concedido descer, travar conhecimento com alguém. Afinal, sugeriu com otimismo, uma casa de saúde não deixa de assemelhar-se a um navio, em cujo bojo as criaturas se interessam umas pelas outras, estendendo-se as mãos.

A serviçal achou graça e escorou-a nos braços, para a descida.

Poderia, sim, divertir-se ali. O ambiente lhe faria bem, ao mesmo tempo que lhe seria lícito granjear uma que outra amizade.

Deixada a sós, fitou ansiosamente os rostos que a rodeavam. Figurou-se-lhe estar no seio de vasta família de pessoas afins pelo coração, mas quase todas desconhecidas entre si, qual acontece num balneário.

Todos os circunstantes acusavam-se na posição de convalescentes, adivinhando-se-lhes, sem dificuldade, os vestígios das enfermidades de que haviam conseguido evadir-se.

Evelina interrogava-se, quanto ao melhor processo de estabelecer contacto com alguém, quando viu um homem, não longe, que a fitava, evidentemente assombrado. Oh! não era aquele cavalheiro, exatamente Ernesto Fantini, o improvisado amigo das termas? O coração bateu-lhe agitado e estendeu, na direção dele, os dois braços, dando-lhe a certeza de que o aguardava, de alma aberta.

Fantini, pois era ele mesmo, ergueu-se da poltrona em que se guardava e avançou para ela, a passos rápidos.

– Evelina!... Dona Evelina!... Estarei realmente vendo a senhora?

– Eu mesma! – respondeu a moça, chorando de alegria.

O recém-chegado não foi estranho à emotividade daquele minuto inesquecível. Lágrimas lhe rolaram no rosto simpático e sisudo, lágrimas que ele buscava enxugar, embaraçado, procurando sorrir.

## 6

### Entendimento fraternal

– Há quantos dias aqui?

– Positivamente, não sei – adiantou Ernesto, denotando fome de conversação.

E completou:

– Tenho matutado bastante naquele nosso entendimento de Poços de Caldas, acalentando sempre a esperança de revê-la...

– Gentileza de sua parte.

Evelina confidenciou a perplexidade em que vivia. Despertara naquela instituição de saúde que desconhecia de todo, obviamente transferida de casa por imposição da família, porquanto o único fato de que se recordava com clareza era justamente o desmaio em que descambara no tope de uma crise das piores que havia atravessado.

E salientou, sorrindo, que tivera a impressão de *morrer...*

Quanto tempo desacordada? Ignorava.

Retomara-se apenas quando viera a si do sono profundo e sem sonhos, ali mesmo, no quarto do terceiro andar.

Desde então, andava intrigada com o mistério que a administração fazia, em torno dela própria, de vez que não obtivera permissão para telefonar ao marido.

Fantini escutava, atencioso, sem articular palavra.

Em derredor, algumas pessoas se mantinham sentadas ou caminhavam com naturalidade, lendo ou palestrando, aqui e ali.



Rosas, miosótis, jasmims, cravinas, begônias e outras flores, sob árvores recordando amendoeiras, ffcus e magnólias, embalavam o ar, extremamente diáfano, com perfume delicioso.

Alongados os comentários que anotava, curioso, Fantini mostrou estranho brilho no olhar e concordou com Evelina.

Declarou achar-se em brasas. Revelou que também sofrera esquisita fuga de si mesmo, com a diferença de que isso lhe ocorrera, logo após a cirurgia, quando voltava para o leito, segundo acreditava. E registrara aquele mesmo fenômeno de retrospectção, a que se reportava a senhora Serpa em seus apontamentos confidenciais, no qual se vira repentinamente devolvido ao pretérito, desde os primeiros momentos de espanto até os dias primeiros da infância...

Depois, dormira pesadamente.

Incapaz de explicar-se, quanto ao tempo exato em que se dormira obtuso, inconsciente, tomara acordo de si próprio naquele nosocômio, dez dias antes.

Conservava, igualmente, a mesma estupefação, perante as normas de serviço ali regulamentadas, porque não conseguira o mínimo contacto com a esposa ou a filha, das quais se despedira na cela hospitalar, horas antes do trabalho operatório a que se submetera.

Achava-se, por isso, inquieto.

Ela, Evelina, experimentara o enigmático desmaio, no círculo doméstico, ao pé dos entes queridos. Ele, porém, deixara a família em meio de agoniada expectativa, sem que lhe fosse facultado qualquer recurso de comunicação com os parentes. Reconhecia que o estabelecimento de saúde a que se abrigava agora não era o mesmo onde se internara para o tratamento. Chegava a duvidar de que estivesse realmente em São Paulo. O firmamento parecia-lhe um tanto diverso à noite e a piscina de que se servira continha

água tenuíssima, embora fosse compreensível tivesse aquela casa filtros e engenhos especiais para a medicação da água comum.

E Ernesto acabou o relatório, indagando:

– A senhora já foi às termas?

– Ainda não.

– Verificará minha surpresa quando for até lá.

– E admite que irei? – retorquiu Evelina com o ar brejeiro de quem se via um tanto mais consolada.

– Perfeitamente. Já ouvi dizer que a hidroterapia aqui é obrigatória.

Fantini sorriu significativamente e enunciou, carregando cada palavra de recôndita inquietação:

– Sabe da hipótese mais razoável? Desconfio de que nos achamos, com autorização de nossos familiares, numa organização psiquiátrica. Nada sei de medicina; no entanto, estou supondo que os problemas da supra-renal nos transtornaram a cabeça. Teremos talvez enlouquecido, entrando pelas raias da absoluta alienação mental e, com certeza, a segregação terá sido a providência aconselhável...

– Porque pensa assim? – voltou a senhora Serpa, muito pálida.

– Dona Evelina...

– Não me chame “dona”... Insisto em que somos amigos e agora mais irmãos...

– Seja – aquiesceu Fantini.

E continuou:

– Evelina, você verá os aparelhos engraçados com que nos aplicam raios à cabeça, antes do banho medicinal. E creia que todos os doentes acusam melhoras gradativas. Desde anteontem,

quando fui à imersão pela primeira vez, sinto-me mais lúcido e mais leve, sempre mais leve...

– Acaso não se vê em boa posição mental, desde que despertou?

– Não tanto. Aflito por notícias dos meus, voltei a sentir agudas crises. Bastava lembrar a mulher e a filha, concomitantemente com a intervenção cirúrgica, e via-me, quase que de imediato, sob asfixia terrível, a desfalecer de sofrimento.

Evelina rememorou a própria experiência, mas silenciou. Sentia-se cada vez mais inquieta.

– Através do cuidado com que as autoridades me respondem às interpelações – estendeu-se Fantini –, entendo que se esforçam por manter-nos em harmonia e tranqüilidade. Admito que teremos passado por algum trauma psíquico e que nos achamos presente-mente na reconquista do próprio equilíbrio, o que vamos obtendo, muito a pouco e pouco. Segundo creio, fomos colocados sob terapêutica puramente mental. Ainda ontem, renovei a reclamação de sempre, solicitando comunicação com meu pessoal e sabe o que a enfermeira de plantão me respondeu, perfeitamente senhora de si?

– ?

– “Irmão Fantini, esteja tranqüilo. Seus familiares estão informados de sua ausência.” Mas não querem conversar comigo? nem me chamam ao telefone? – indaguei. E a assistente respondeu: “Sua senhora e sua filha sabem que não podem aguardar tão cedo a sua presença em casa.” Porque eu recalcitrasse, exigindo providências, a moça declarou: “por enquanto isso é tudo o que lhe posso dizer.”

– Que deduz de suas próprias observações?

– Concluo, salvo melhor juízo, que estivemos, claramente sem o sabermos, na condição de alienados mentais – sugeriu

Fantini, quase novamente bem-humorado –, e decerto emergimos, agora, com muito vagar das trevas psíquicas para o estado normal de consciência. Os médicos e enfermeiros que nos rodeiam estão plenamente justificados, quanto ao propósito de resguardar-nos contra quaisquer tipos de preocupação com a vida exterior. O menor vinco de aflição na tela mental de nossas impressões do momento, assim penso, nos traria talvez grande prejuízo às emoções e idéias, qual ocorre à pequena distorção que desfigura a simetria das ondas elétricas.

– É possível.

Expressiva pausa caiu entre os dois.

Após fundo mergulho no mundo de si mesmo, Ernesto rompeu o intervalo:

– Evelina, quando você entrou na crise terrível de que me fala, ter-se-á confessado antes? que lhe teria dito o sacerdote? recebeu dele quaisquer conselhos?

A interlocutora assustou-se, perante a angústia com que semelhantes inquirições eram moduladas e contra-indagou:

– Oh! porquê? porquê, meu amigo? confessei-me antes do desmaio, sempre que pude... mas, porque procura saber? para chasquear?

Fantini, porém, não brincava. Os olhos dele entremostravam indisfarçável mal-estar.

– Não se amofine. Pergunto por perguntar – devaneou ele, tamborilando os dedos da mão esquerda sobre o tripé que se erguia à frente –; numa conjuntura perigosa, qual a que atravessamos, toda a assistência é pouca... Lembrei-me de que você tem uma religião e de que ainda sou um homem sem fé...

Ernesto ainda não rematara de todo a última frase, quando uma jovem, num grupo de três que caminhavam a curta distância,

se rojou ao chão, como quem fora subitamente acometida por violento acesso de histeria, gritando em meio de manifesta agonia mental:

– Não!... Não posso mais!... quero minha casa, quero os meus!... Minha mãe ..... onde está minha mãe? Abram as portas!... Bandoleiros! Quem é bastante corajoso aqui para derrubar comigo estes muros? A polícia!... Chamem a polícia!...

Tratava-se, inquestionavelmente, de um caso de loucura, mas havia tanto sofrimento naquela voz que os circunstantes mais próximos se levantaram, espantadiços.

Uma senhora, irradiando paciência e bondade, exibindo na blusa as insígnias de enfermeira da casa, surgiu de chofre, abriu caminho no grupo de curiosos que começava a adensar-se e inclinou-se, abraçando, maternalmente, a menina revoltada. Sem o mínimo impulso à repreensão, soergueu-a, notificando com inexcusável brandura:

– Filha, quem lhe disse que não voltará a sua casa? que não reverá sua mãe? Nossas portas jazem abertas... Venha comigo!...

– Ah! irmã – suspirou a jovem repentinamente asserenada por aquelas mãos fortes e boas que a enlaçavam –, perdoe-me!... Perdoe-me! Não tenho razão de queixa, mas estou com saudades de minha mãe, sinto falta de casa! Há quanto tempo estou aqui, sem qualquer dos meus? Sei que sou doente, recebendo o benefício da cura, mas porque não tenho notícias?!...

A assistente ouviu calma e apenas prometeu:

– Você as terá...

Passando-lhe, em seguida, o braço carinhoso acima dos ombros, concluiu:

– Por agora, vamos ao repouso!...

A menina, como quem surpreendera na benfeitora alguma recordação do calor materno de que sentia exacerbada carência, encostou a loura cabeça ao peito que lhe era ofertado e retirou-se, soluçando...

Evelina e Ernesto, que haviam acorrido para o auxílio possível, contemplaram o quadro, entre aflitos e magoados.

Em ambos, a sede de esclarecimento.

Que ilação recolher da súplica chorosa da doentinha atribulada pela ausência do ninho doméstico? que hospital era aquele? um pronto-socorro para alienados mentais? um nosocômio destinado à recuperação de desmemoriados?

Num impulso de curiosidade que não mais pôde sopitar, abeirou-se Evelina de uma senhora simpática que acompanhara a cena, denotando aguda atenção, e cujos cabelos grisalhos lhe recordavam a cabeleira materna, o assuntou com discrição:

– Desculpe-me, senhora. Não nos conhecemos, mas a aflição em comum nos torna familiares uns aos outros. A senhora pode dar alguma informação, acerca da pobre menina perturbada?

– Eu? eu? – redargüiu a interpelada.

E advertiu:

– Minha filha, eu aqui, praticamente, não sei da vida de ninguém.

– Mas escute, por favor. Sabe onde estamos? em que instituto?

A matrona achegou-se mais para perto de Evelina que, a seu turno, recuou para junto de Fantini, e cochichou:

– A senhora não sabe?

Ante o assombro indisfarçável da senhora Serpa, dirigiu o olhar penetrante para Ernesto e aduziu:

– E o senhor?

– Nada sabemos – comunicou Fantini, cortês.

– Pois alguém já me disse que estamos todos mortos, que já não somos habitantes da Terra...

Fantini sacou o lenço do bolso para enxugar o suor que passou a escorrer-lhe abundantemente da testa, enquanto Evelina cambaleou, prestes a desfalecer.

A desconhecida estendeu os braços à companheira e recomendou, preocupada:

– Minha filha, contenha-se. Temos aqui dura disciplina. Se mostrar qualquer sinal de fraqueza ou rebeldia, não sei quando voltará a este pátio...

– Repousemos – interveio Ernesto.

E dando o braço a Evelina, ao passo que a dama prestimosa ajudava a escorá-la, rumaram os três para largo assento próximo, sob grande fícus, onde passaram a descansar.

## 7

### Informações de Alzira

– Conversemos – convidou a nova amiga.

Receosa, ante os serviços de vigilância, manifestava a intenção de despistar. Dispunha-se a todo custo demonstrar naturalidade, temendo que alguém pudesse haver assinalado o choque da companheira.

Fantini compreendeu e esmerou-se a coadjuvá-la.

Pretendendo ignorar a lividez com que a senhora Serpa os ouvia, fez as apresentações com aparente serenidade.

– Sou Alzira Campos – identificou-se a matrona, recém-chegada ao grupo –, e moro em São Paulo.

Deu o endereço, reportou-se à família, caracterizou o bairro em que residia e adiantou:

– Desde que cá em casa, trouxeram-me desacordada para este hospital e, pelas contas que faço, há quase dois meses espero alta.

Estabeleceu-se o diálogo entre ela e Ernesto, enquanto Evelina se reasseritava, lentamente.

– A senhora já se sente restabelecida?

– Completamente.

– Já travou relações com alguma autoridade que lhe possa orientar com indicações precisas, quanto ao futuro?

– Sim. A irmã Letícia, que me assistiu, de início, nos banhos medicinais, avisou-me anteontem que não está longe o dia em que me será possível decidir, relativamente a permanecer aqui ou não...



– Que terá ela desejado dizer com esse “*permanecer aqui ou não*”?

– Realmente, sabendo-se quanto anseio voltar a casa, muito me encabulei ao receber-lhe esse apontamento.

– Nada mais indagou?

– Sim. Roguei mais claras instruções, pedi minudências. Ela, contudo, apenas me disse, gentil: “Você compreenderá melhor, mais tarde”.

– Dona Alzira – sussurrou Ernesto, com firmeza – a senhora não acredita que estamos numa organização de saúde mental, num asilo de loucos?

A matrona relanceou o olhar em derredor, à feição de doente amedrontada com a vigilância de guardas severos, e opinou:

– Se vamos examinar assuntos graves, não nos convêm isolar a companheira. Nossa amiga Evelina pode acelerar o próprio refazimento. Peçamos para ela um tônico adequado.

Conjugando ação à palavra, premiu diminuto botão que se incrustava à mesa e surgiu um rapaz de serviço, diligenciando saber em que lhes poderia ser útil.

Alzira encomendou refresco para três.

– Qual o sabor?

– Maçã.

Num átimo, o portador trazia três taças com róseo líquido aromatizado em safirina bandeja.

– Este, a meu ver, é o melhor refrigerante que encontrei aqui, até agora, porque tem pretensões a sedativo – avisou a dama quando se viram, de novo, a sós.

Evelina sorveu um gole, avidamente, com a impressão de haver bebido um néctar, mais vaporoso que líquido.

Apoiamos os direitos autorais.  
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



[umanovatterra.pt](http://umanovatterra.pt)